

# EU SOU DEUS: O DIVINO E A EXPERIÊNCIA EM *MADAME EDWARDA*, DE GEORGES BATAILLE

Amanda Mendes Casal  
Eclair Antonio Almeida Filho

27

**RESUMO:** Em nosso ensaio, pretendemos analisar a relação entre o divino e a experiência-limite/experiência interior segundo a leitura do relato *Madame Edwarda*, no qual a personagem-título apregoa “Je suis Dieu” (eu sou Deus), enquanto, mais adiante se lê: “Se Deus soubesse tudo, seria um porco”, bem como do prefácio ao relato, em que Bataille afirma que Deus está além de todo saber, além de todo ser, do todo, estando (além da possibilidade de mensuração) no excesso. De tal discussão, buscaremos depreender o alcance divino da escritura ligado ao campo da experiência-limite, tal como o entende Maurice Blanchot em obras como *L'Écriture du Désastre* e *La Communauté Inavouable*.

\*

“Um deus não se ocupa”  
Georges Bataille<sup>1</sup>

“O aluno escuta o mestre com docilidade. Recebe dele lições e o ama. Faz progressos. Mas, se um dia vê que este mestre é Deus, caçoa dele e não sabe mais nada”  
Maurice Blanchot<sup>2</sup>

Quando Maurice Blanchot (1983b) recorda a passagem do relato de Georges Bataille em que figuram as pernas abertas de Madame Edwarda sobre a mesa do bordel é à comunidade (dos amantes) que ele se volta, orientação segundo a qual o amor já não é exigência tampouco *parti pris* do contato, de sorte que os dois seres – ou um grupo sempre reduzido; a relação independe da fidelidade entre dois – se entregam à zona do desamor. Não importam mais as promessas da relação; antes, segundo nossa perspectiva, o que se tem é seu entendimento ligado à resposta – e, por isso, à escuta, ao jogo de vozes –, tal como nos permitimos aproximar de Jean-Luc Nancy (2001), que prepara a compreensão de que *re-spondeo* conforme a reciprocidade do engajamento evoca o contrato matrimonial, termo do qual se extrai o substantivo sponsais – bem como o verbo esposar –, que, por seu turno, se define pela promessa mútua entre parceiros, promessa que no fluxo do líquido se faz e desfaz no ritmo da voz da prostituta – ordem e desarranjo no sexo –, que invoca, ri goza, e da resposta do homem que a beija, que a segue, que a possui e a abandona

sem saber se esses são gestos compreendidos por seu desejo. Assim entendemos a “promessa” redimensionada pela “resposta”, sempre presente – no presente do jogo das vozes –, nunca um pacto lançado ao porvir, para que se penetre na comunidade dos amantes, excluindo a mutualidade do a dois, que inevitavelmente se espraalaria em uma aliança no tempo.

Como epígrafe à *Comunidade dos amantes*, lemos mais uma vez Nancy: “A única lei do abandono, assim como a do amor, é de ser sem retorno e sem recurso” (NANCY apud BLANCHOT, 1983b, p. 51), passagem que exprime o presente insituável da resposta, que recusa toda atenção que seria despendida por mim, pelo outro. À medida que não se pode discorrer sobre “portar-se para” ou “dirigir-se a”, ou mesmo “voltar-se para” (tampouco se pode viver a relação nessa reciprocidade), o que se tem, aparentemente, é o desvio ou o esquivar-se como a experiência no extremo do possível. Em se tomando a esquivança, é possível recordar que a um só tempo Bataille escava a dupla semântica do verbo *dérober*, tanto pela via do subtrair, furtar, esquivar – ou dispensar um gesto esquivo – quanto pelo atalho implícito ao verbo despir ou, no jogo da palavra, arrancar o vestido haja vista a apreensão de *robe* (vestido) na palavra eleita por Bataille para falar sobre o pensamento<sup>3</sup> – intimidade entre o feminino e o pensamento (dir-se-ia, melhor, o devir fêmea do pensamento), naturalmente, pela exigência de dilacerar-se.

Não se pode, todavia, escapar à partilha implícita na resposta como atesta o apelo ao entre dois que mencionamos inicialmente em Nancy, o qual endossa a impossibilidade de solidão da voz. Em virtude da também impossibilidade de uma sincronia entre vozes, que se dissimula na quebra entre dois que notadamente dialogariam, no lugar do entendimento comum da companhia, Bataille ainda fala de uma solidão, mas de uma solidão compartilhada, na leitura de Blanchot (1983b) para quem o jamais pensar só traz à luz o caminho para que a solidão não seja a única alternativa, sem que a perda do ser recaia na comunidade. Vejamos a lei da comunicação que se insinuará na exigência comunitária a que se entrega Bataille<sup>4</sup> segundo a qual se regulariam os jogos de isolamento e da perda do ser, justamente (ou excessivamente) lançados pelo desperdício, pelo gasto de sorte que, pelo excesso, se ultrapassa o todo.

Em *L'Expérience Intérieure*, logo no início, ressurgirá a noção de *dépense* – como já havia aparecido na década de 30 –, despesa (ou gasto), como a saída – a fenda – para além do todo, que reuniria os extremos riso, erotismo, sacrifício e êxtase, para citar momentos contumazes da exigência de escrever, do devir louco, sempre de olhos esgazeados. Quando se agarra à

experiência interior, Bataille lançará a moeda da dupla e única certeza de que não somos tudo e de que vamos morrer. A consciência de ser mortal não se iguala à de não ser tudo, uma vez que todo um mundo se constrói para que o homem seja tudo desde que é possível apreender sua consciência da morte, a certeza do acabamento final. Mas como viver entre essa dupla certeza se não pelo jogo em que uma possibilidade anula a outra? Uma punhalada ou um tiro vazaria a moeda? Mas e aquelas histórias em que uma vida é salva do tiro mortal por uma simples moeda que, no bolso junto ao peito, detém a bala? Penetra-se no gasto excessivo, munido da faca, arrancar minuciosamente do corpo cada gota de sangue e cada centímetro de fibra muscular, na experiência em que a angústia – a angústia é, enfim, soberana e morta no chão<sup>5</sup> – e o êxtase de não ser tudo, no excesso do todo, se encavalam.

Irrompe-se outra margem<sup>6</sup>, não para o sentido da correspondência, da resposta, mas para o não-sentido que põe em jogo a compreensão (tanto a lamúria de ser mal compreendido quanto a graça de experimentar a comunhão de ideias), que ultrapassa a ingenuidade do ser solitário de tal modo que até quando se fala da iminência sempre em instância da mutação da comunidade de ausência em ausência de comunidade, bem como da comunidade daqueles que não têm comunidade ainda não se fala da solidão, mas de um ex-istir em que já se faz sentir o para-fora da experiência. A outra margem poderia insinuar a dissimulação da margem naquilo que se nomeia marginal, mas que deixará de sê-lo no relato de Bataille, no qual a transgressão não resulta de um rompimento dos interditos senão de um abandonar-se sem fim ao limite a que jamais se poderá aceder: a morte, por fim, o limite dos limites.

A solidão por si mesma seria demasiadamente privilégio de um ser só para que fosse possível experimentá-la. Assim, no rastro de Bataille (cujos elementos que acenam para a comunidade nos parecem antes o rastro que Blanchot fareja, uma vez que Bataille somente se engaja se desengajando<sup>7</sup>), nestes termos não acessíveis ao pensamento, a morte estaria à obra: o supremo, o último momento, aquele que não poderia ser vivido senão por mim – daí se arranca o interior de experiência interior, que não será dito na obviedade do pronome possessivo –, não o sei e nunca o saberei; jamais estaria no domínio de minha razão para conhecê-lo, e quase nas mesmas palavras, não há consciência possível para vivê-lo. Seria fácil lançar a morte ao incognoscível, no cerebral momento em que é possível saber o limite do saber, quando o homem, por fim, pode reconhecer para si mesmo o saber de sua ignorância.

Mas não é a isso que se rende a busca de Bataille. Sua obra se volta à morte em se contrastando com o comedimento disparatado de um pensamento que visa a pensar apenas na acepção possível para “obra da morte” – obra na qual se concentraria todo o mundo criado pelo trabalho da negatividade. A negatividade sem emprego, cuja referência se faz em uma carta (da qual o destinatário é rasurado, mas sabemos quem é; isso, contudo, não importa) reunida a *Le Coupable*, não se cambiaria facilmente pela supressão do poder de transformar a negatividade em ação que ainda seria uma ação do poder que pode tudo, até mesmo se anular. Dito de outro modo, não entra em cena a existência afinada pelo poder de nada fazer de sorte que a existência é a mais radical negação – negação do poder, afirmação do impossível:

O homem é este ser que não esgota sua negatividade na ação, de modo que, quando tudo está acabado, quando o “fazer” (pelo qual o homem também se faz) se cumpriu, quando o homem não tem mais nada a fazer, é-lhe preciso existir (...) e a experiência interior é a maneira por que se *afirma* esta radical negação que não tem mais nada a negar. (BLANCHOT, 1969, p. 305).

Seria a morte, enfim (um enfim inevitável), vivida como experiência? A leitura de Blanchot, para quem leitura é o trabalho desobrado da obra<sup>8</sup> (a comunidade literária vem), aproxima impossibilidade e morte na experiência-limite, como se esta determinasse o prolongamento bruxuleante de uma conversa jamais interrompida sobre a experiência interior. Nas linhas que agora seguimos, não seria acessível delimitar o que é de Blanchot e o que é de Bataille, como não parece clara – ainda que seja rigorosamente distinta – a ruptura entre a morte impossível de um morrer infinito e a morte enfim vivida na negatividade sem emprego das formas da *dépense*. Se a morte é impossível para o eu (a morte dispensa do pensamento<sup>9</sup>), a morte também não é um atributo do outro. Não é o outro que morre quando se está diante da morte do outro: morre-se, na impessoalidade, no desconhecido que é a ausência de segredo<sup>10</sup>, ou antes, a comunidade de ausência somente se funda pela morte de outrem, que é insituável como outro; funda-se e estilhaça-se (a indecisão entre a intensidade e o apagamento cintila e extingue a comunidade) pois que não há o originário que representaria o evento da fundação: antes de ser, ela já deixou de sê-lo para ser a última vez. Ora, Bataille se permite incluir o pronome possessivo na expressão “minha ausência de comunidade”<sup>11</sup> do mesmo modo que dizer “minha morte” é

vertê-la em experiência inapropriável. É como se fosse necessária a comunidade para que o sujeito acesse à experiência que ele é incapaz de vivenciar a não ser pela *dépense*, que já o dispensa de sua consciência e de sua sabedoria. Como se também o fosse o pronome possessivo para que a comunidade se transmutasse em ausência e a ausência em ausência da ausência.

Esta é a beleza da comunidade, poderia sussurrar Blanchot, em alguma passagem de um escrito jamais encontrado. Pela comunidade, Bataille e Blanchot falam juntos, jamais em sincronia, em presença. A escritura rende-se à oralidade da voz, da conversa – a escritura é oral<sup>12</sup> – à proporção que uma escuta e um entendimento alheio à compreensão – uma *entente* para que se denuncie o termo francês – esburacam a comunicação, que só existe pelo sem fundo, pela fonte abissal, expressão que permite o gracejo da referência ao gozo de Madame Edwarda, fonte de águas vivas. Não é em vão que a voz de Edwarda soa como um pedido no relato uma vez que se experimenta a realidade de que não é pelo terreno descritivo que a narrativa se escreve, ainda que haja escassos diálogos e, talvez exatamente por essa razão, a voz que expõe frases curtas, entrecortadas pelo abandono rouco, gutural que não exprime, mas que poderia nos sugerir o prazer e a morte, inescapável, seja aquilo a que o relato procura, como se se buscasse tão somente as sentenças que de tão reduzidas se podem enumerar (propositalmente, encurtamos a lista, retirando-lhe as passagens demasiado fáticas<sup>13</sup>): “*Tu veux voir mes guenilles? disait-elle*”; “*Tu vois, dit-elle, je suis DIEU...*”; “*Embrasse!*”; “*J’étouffe, hurle-t-elle, mais toi, peau de curé, JE T’EMMERDE...*”; “*Nue comme une bête*”; “*Tu vois... je suis à poil... viens*” (BATAILLE, 1981, p. 20; 21; 26; 28; 29)<sup>14</sup>.

A mulher-lobo do relato, de dominó e rendas, não se despe para ninguém ou para nada pois que não poderia haver suficiência no ato de se despir. A inexata troca de palavra entre Edwarda e o anônimo que escreve o relato segue para a abertura entre dois, que não é um rasgo que se perfaz, antes um fosso cujo evento de irrupção é insituável, diante do qual – objeto desconhecido – se exige um dilaceramento do pensamento em não-saber. A soberania de quem se despe é a morte da soberania porquanto jamais um lobo ou uma fera deviria sujeito absoluto cujo gozo desenfreado nem a morte é capaz de limitar. É a dissensão que Blanchot (1983b) vê entre Bataille e Sade: neste, a morte cumpre o gozo; a morte é a satisfação que chega. Bataille faz retumbar um protesto no prefácio à *Madame Edwarda*: é bem fácil e até natural travestir a morte do trágico para que se continue motejando do riso e do gozo, os quais se destinariam ao êxtase,

que de certo modo teve um lugar bem circunscrito na religião, mas cuja realidade está além da mística, encontrando-se na experiência interior. Toda a dramatização religiosa dissuade da morte, devolvendo aos crentes a eternidade e a vida eterna em um porvir da vida acabada. Sade, diante de Bataille – não é preciso pô-los frente a frente –, é normativo, moralista, encena um papel no drama do sagrado. Para ler Bataille seria necessário criar uma teologia na qual o sagrado e o sacrifício seriam a comunicação. Uma reflexão símile quanto à teologia se extrai de *L'Expérience Intérieure*, da passagem em que é dito que *Thomas l'Obscur*, de Maurice Blanchot, faz nascer uma nova teologia que tem por objeto o desconhecido.

*Madame Edwarda* é o relato, o testemunho, da paixão infinita e do abandono com que uma mulher, uma fêmea, um lobo, uma fera, se entrega ao encontro – acaso e espera –, como em sacrifício (somente pela paixão e pelo abandono, nada mais, é possível falar de sacrifício no relato, segundo Blanchot). É mais uma vez Blanchot (1983b) que citará Bataille em um excerto em que leva ao dia os movimentos convulsivos, que atravessam o mundo, dos seres que se procuram para afirmar mais uma vez a beleza da atração entre aqueles (não importa quem) que simplesmente se atraem, para além das formas reconhecidas de desejo e de amor, e até mesmo das formas marginalizadas se estas forem incapazes de trepidar a sociedade. Blanchot segue sua leitura do relato – que é impossível retomar, assim ele dissuadiu Bataille de reescrevê-lo – meditando que Edwarda rompe com todo mundo não porque ela abra suas pernas em público e ofereça seu sexo como o que há de mais sagrado. A exposição crua é o que torna sua experiência singular, ou seja, certamente não o que ela oferece, mas seu dom, que é perda do ser. Aquele que vem, o motorista do táxi, “não saberá jamais se está em relação com o que há de mais divino ou com o absoluto que rejeita toda assimilação” (BLANCHOT, 1983a, p. 80).

Por essa hesitação, Madame Edwarda livremente anuncia que é Deus. Diante da perda de uma mulher, é Deus que jamais poderá se dizer Deus ou poderá, em ubiquidade, saber o que se passou naquela noite do gozo desmesurado. Se ele soubesse, repitamos o adágio, seria um porco, poderia, em realidade, ser tudo e qualquer coisa, Deus estaria mais próximo de ser porco do que de ser Deus. Deus não é divino quando é dito que Ele é – sob esta forma nada lhe é imputável. Deus é o objeto desconhecido: Ele não sabe tampouco sabe. Nem mesmo tem um si. O não saber é uma tarefa do ser, uma tarefa do pensamento muito além do saber. Madame Edwarda anuncia que é Deus do mesmo modo que poderia se dizer uma besta (ela, no entanto, só o diz

obliquamente, em uma comparação). No êxtase, ela se perde; se ela não gozasse, sua afirmação provocaria o riso mais banal ou a adoração mais pueril: ela estaria acorrentada à sua soberania, como refletiria Blanchot (1983a), em *Le Dernier Mot*.

O relato – *Madame Edwarda*; poucos saberão sê-lo – experimenta o devir Escritura da escrita – ou tão somente escritura – em se ultrapassando o fim de todo o evangelho, que é somente, para além da prática cotidiana cristã, educar, mover, co-mover (menos do que narrar, deitar por escrito a tragédia sagrada) de que a vida nasce da morte e é inseparável dela. Qual seria, então, a importância da palavra do Senhor senão para nos apontar a via irreprochável da vida eterna, lá onde Deus é o Messias; de que vale a vida que se vive agora senão para a salvação? Para quê ter no horizonte outra coisa que não seja o fim, a morte, ou, se cada um dos crentes tiver a sorte para sua eterna glória a partir da hora de sua morte, o Juízo Final? O relato poderia antes ser o testemunho da tarefa de escrever a escrita, acepção de Maurice Blanchot para o termo biografia, que faz recordar as memórias de são Boaventura, aquele que por graça de Deus saiu de seu túmulo para terminar a escrita de suas memórias: “Deus seja louvado! Há uma morte, e, depois, não há eternidade” (BLANCHOT, 1980, p. 55).

Escritor sobrevive para escrever, mas, tarefa sem fim, o escritor deve sobreviver à sobrevida para contá-la, contar a vida, recontar a vida, repetição incessante, ou melhor, o termo francês *ressassement* dá conta do incessante no dizer, sem tradução certa para o português, que enfim, por ora, escolhemos traduzir somente por ir-e-vir; palavra que, por sua inevitabilidade sonora, reverbera em outra, *clapotis*, que não se quer traduzir, mas que se pode explicar: agitação da superfície de um líquido produzida por ondas estacionárias e ruído, rumor, marulho que resulta dessa agitação.

Em certo sentido, escrever seria sempre biografar, sem que isso signifique escrever a vida, de revés (entretanto), dar vida à escrita, criar o presente do escrever (a experiência como não-experiência). Portanto (sem a austeridade da conclusão), se por biografia se entende o que quase sempre não se entende, não há confissão no escrever tampouco naquilo que comodamente se denomina biografia, que compreenderia ainda as cadernetas, os diários do escritor, que minimamente aliviariam pelo escrever o momento de não escrever. Lembremo-nos de que Georges Bataille escreve livros a partir desses momentos. Em *L'Écriture du Désastre* (o fragmento encontra-se em itálico): “♦ *O escritor, sua biografia: morreu, viveu e morreu*”

(BLANCHOT, 1980, p. 61). Escreve-se para que a escrita crie ou subverta a vida de modo a aceitar da vida o que a suprime, levando-a a um ponto extremo, uma vez que se escreve a escrita<sup>15</sup>, máxima que naturalmente se verteria em uma intransitividade do escrever.

Blanchot (2009) diria, em uma carta a Vadim Kozovoï, não poder aplicar a si mesmo o título de autor tampouco àqueles que ele amou (ele citaria Georges Bataille, amigo “para quem” ele escreveu em se assentindo que não é o endereçamento, o portador, o remetente ou o destinatário que importam): “Somos errantes, antes judeus que cavaleiros, votados a um destino desconhecido” (BLANCHOT, 2009, p. 101), no lugar do termo impróprio, conforme sua perspectiva, a substituição não de um único mas de uma comunidade de escritores pelo termo judeus – jamais um único solitário, mas sempre solitários errantes – mesmo que, como em uma nota distraída de diário, um registro de diário esquecido de ser diário em outra de suas cartas a Kozovoï, Blanchot se diga um errante que não se desloca, a um só tempo diferenciando-se de uma sorte comum e acusando-se um escritor. Essa sentença não escapa à comunidade que ainda segundo Blanchot (1983b) não se caracteriza por uma comunidade de deuses, que seriam soberanos, mas por uma exigência única, a de que a experiência de escrever seja singular de tal modo que possa ser nomeada experiência interior, experiência-limite, de sorte que escrever e morrer sejam termos próximos o bastante para que deles se diga que estão na vizinhança do longínquo.

\*

#### AMANDA MENDES CASAL

Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília e participante do Grupo de Estudos Blanchotianos e de Pensamento do Fora (UnB/Cnpq), no qual se dedica a pesquisar Maurice Blanchot segundo as perspectivas da exigência fragmentária, do *récit*, da palavra poética, da amizade e do desobrimento.



## ECLAIR ANTONIO ALMEIDA FILHO

Tradutor e professor do Curso de Tradução Francês-Português da Universidade de Brasília (UNB). Membro fundador do Grupo de Estudos Blanchotianos e de Pensamento do Fora UNB-CNPQ. Traduziu, em parceria com sua orientanda Amanda Mendes Casal, *O Idílio* (L'Idylle), A última palavra (Le dernier mot), publicados originalmente em *Le ressassement éternel*, de Blanchot, e *Cartas a Vadim Kozovoi* (Lettres à Vadim Kozovoi) lançados no Brasil em 2012 pela Lumme.

<sup>1</sup> Blanchot em citação a Bataille em *La Communauté Inavouable* [A comunidade inconfessável], p. 43. A edição brasileira será publicada ainda em 2012 por uma parceria entre a Lumme Editor e a Editora da UnB, em tradução de Eclair Antonio Almeida Filho.

<sup>2</sup> Blanchot em *Le Dernier Mot* [A última palavra] (BLANCHOT, 1983a, p. 72). A edição brasileira de *Après coup précédé par Le ressassement éternel* [Depois do golpe, ensaio, precedido por O ir-e-vir eterno (O idílio – A última palavra)] tem sua publicação prevista para 2012 pela Lumme Editor, em tradução de Amanda Mendes Casal e Eclair Antonio Almeida Filho.

<sup>3</sup> Em *La pensée dérobée*, de Jean-Luc Nancy, a epígrafe é de Georges Bataille: “*Je pense comme une fille enlève sa robe*” (Penso assim como uma garota despe furtivamente seu vestido).

<sup>4</sup> Para Blanchot, há um momento em que a busca de Bataille se rende à exigência de escrever, sobretudo, tendo por horizonte a guerra. Assim seria o relato, o diário louco de *Le Coupable*. Seria o momento em que para Blanchot torna-se mais aguda a inconveniência literária de uma comunidade literária, como o atesta a presença do amigo Blanchot em *L'Expérience Intérieure* ou a presença de *Thomas l'Obscur* no mesmo livro e de *Aminadab* em *Le Coupable*.

<sup>5</sup> A angústia, na experiência interior – essa experiência singular, para Bataille –, abraçada ao êxtase, afasta-se do ser que espera a morte.

<sup>6</sup> Ou talvez apenas se jogue com aquilo que não pode ser visto sem que se queira que o não visto seja a face oculta de uma figura cujos contornos invisíveis a um observador facilmente se insinuem de modo que se possa resgatar o não visto mesmo que se não o veja.

<sup>7</sup> É parte da reflexão de Maurice Blanchot em *La Communauté Inavouable*, que se volta para o pensamento que não se detém em Bataille, tanto que é possível falar sobre obra e desobramento (*désœuvrement*), mas sem que se queira parar em um ou outro para fazer de um ou de outro o prumo do pensamento. Talvez nisso consista a crítica implícita de Blanchot à obra de Jean-Luc Nancy, *La Communauté Désœuvrée*.

<sup>8</sup> Esta expressão é a afirmação da insistência, em *La Communauté Inavouable*, de jamais se deter na obra ou no desobramento. No ponto em que se deixa ir-e-vir o desobramento, o pensamento de Blanchot segue uma senda não explorada por Bataille. Para Blanchot, Bataille jamais esteve certo de que portava uma verdade insuportável. Talvez este dado permita sugerir uma característica da comunidade, da amizade sobre a qual o livro *L'Amitié* se voltará: jamais pensar só e jamais estar seguro de pensar.

<sup>9</sup> O contrário, entretanto, não se torna experienciável. O pensamento não dispensa da morte, ao menos não como crê o mundo do trabalho. Para Blanchot, em sua leitura de Bataille, o pensamento se desconcertará pelo jogo (que se oporia ao trabalho) e pelo acaso. Daí o verso mallarmeano que surge em *L'Entretien Infini*, no momento em que se acerca da experiência interior, *todo pensamento emite um lance de dados*. Na primeira página de *Le pas au-delà*,

Blanchot asseveraria que, pensando, nós morremos se morrendo nós nos dispensamos de pensar.

<sup>10</sup> Por mais que eu desvele os mistérios do outro ou por mais que eu os nomeie segredo encerrando-os em uma zona de inalcançável opacidade, ainda assim isso não é o desconhecido na relação com o outro.

<sup>11</sup> Blanchot cita Bataille, extraindo-o da revista *Contre toute atteinte*: “não é permitido a quem quer que seja não pertencer à minha *ausência de comunidade*” (BLANCHOT, 1983b, p. 13).

<sup>12</sup> Nancy (2001) vale-se, em epígrafe, de Philippe Lacoue-Labarthe: “A frase – a *literatura* – é oral”.

<sup>13</sup> Parece ser este um desejo nunca alcançado por suas obras. Lembremos que, no prefácio de *L'Expérience Intérieure*, a frase de Nietzsche murmura a alternativa não encontrada: “*Presque pas une phrase où la profondeur et l'enjouement ne se tiennent tendrement la main!*” (“Quase não há uma frase em que a profundidade e a lepeidez não estejam, ternamente, ao alcance da mão”) (NIETZSCHE apud BATAILLE, 1980, p. 9).

<sup>14</sup> Passemos à tradução: “Quer ver meus farrapos? dizia ela”; “Você vê, disse ela, eu sou DEUS...”; “Beija!”; “Estou sufocando, urrava ela, mas você, seu pele de padrego, VÁ SE FODER...”; “Nua como uma fera”; “Você está vendo... estou em pêlos...vem”. Optamos por fugir ao registro da terceira pessoa, como vínhamos seguindo, em “*viens*” para que se mantenha o endereçamento ao tu, que, na língua francesa, além de ser absolutamente corrente e usual, nos reporta, filosoficamente, à relação entre o eu e o TU, em superação à relação do eu ao ISSO.

<sup>15</sup> Essas últimas palavras, Blanchot (2006) dedicava a Roger Laporte, no posfácio que redigiu ao póstumo (ainda que anterior ao falecimento do escritor, mas já posterior à cessação de sua obra) *Lettre à personne*, de Laporte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *Le Coupable suivi de L'Alleluiah*. Paris: Gallimard, L'Imaginaire, 2005.

\_\_\_\_\_. *L'Expérience Intérieure*. Paris: Gallimard, Tel, 1980.

BATAILLE, Georges. Madame Edwarda. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes III*. Paris: Gallimard, 1981.

BLANCHOT, Maurice. *Après coup* : précédé par *Le ressassement éternel*. Paris: Minuit, 1983a.

\_\_\_\_\_. *La communauté Inavouable*. Paris: Minuit, 1983b.

\_\_\_\_\_. *L'Écriture du Désastre*. Paris: Gallimard, 1980.

\_\_\_\_\_. *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. *Lettres à Vadim Kozovoï*: 1976-1988, suivi de la *Parole Ascendante*. Paris: Manucius, Le marteau sans maître, 2009.

\_\_\_\_\_. Postface. In: LAPORTE, Roger. *Lettre à personne*. Paris: Lignes, 2006.

---

NANCY, Jean-Luc. Répondre du sens. In : \_\_\_\_\_. *La pensée dérobée*. Paris: Galilée, 2001.